

AS MELHORES INTENÇÕES, DE INGMAR BERGMAN

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

**Instituto de Análise de Comportamento
e
Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento
Campinas - SP**

Resumo: Discute-se a interrelação de um casal, desde o namoro até o final de suas vidas, mostrando que, apesar das boas “intenções”, eles não conseguem estabelecer uma relação conjugal e familiar harmoniosa. Aparentemente unidos, as necessidades afetivas não satisfeitas de cada um os mantêm, no entanto, afastados como parceiros e como pais. Assim, são infelizes no amor e não estabelecem uma relação saudável e afetiva com os filhos. A análise do texto propõe que as relações interpessoais são fruto da interação entre as histórias de contingências de reforçamento de cada parceiro. Além disso, as relações atuais são instaladas e mantidas por contingências de reforçamento presentes, as quais desenvolvem comportamentos de aproximação e de fuga-esquiva, de aproximação e de contracontrole, ao lado de sentimentos de bem-estar e de sofrimento. As relações não são construídas por “intenções”, nem mesmo pelas “melhores”. São resultantes da interação da rede de contingências de reforçamento que teceram em seu universo familiar.

Palavras-chave: contingências de reforçamento, psicoterapia de casal, Ingmar Bergman, relacionamento familiar, intenções.

As Melhores Intenções é o nome do filme dirigido por Bille August (1992) com roteiro de Ingmar Bergman. Mostra a história dos pais de Bergman a partir da época em que se conheceram, até o momento em que a mãe está grávida de Ingmar, seu segundo filho. Em 1909, Henrik, então estudante de teologia, que vivia em condições humildes com a mãe, conheceu Anna, irmã de um de seus amigos, que pertencia a uma família abastada. Apesar da explícita oposição das mães de ambos, se casaram e foram morar numa pequena comunidade no norte da Suécia, onde Henrik assumiu a função de pastor luterano. O filme revela os conflitos vividos pelo casal e a maneira

¹ Agosto/2004; revisto em novembro 2015.

tortuosa como a relação se arrastou durante todo o casamento. Trata-se de uma obra autobiográfica de Bergman, que oferece um extraordinário material para estudos psicológicos. O presente texto se propõe a oferecer algumas reflexões para os amantes de cinema estudiosos da Psicologia.

O título *As Melhores Intenções* pode ser uma ironia. Como se pode viver tanto tempo, de forma tão infeliz, apesar das *melhores intenções*? Desde o noivado, a trágica vida a dois, a três, a quatro, a cinco se anuncia.

Está tudo preparado para o casamento ocorrer com pompas em Uppsala. Dias antes, Henrik leva Anna para conhecer o vilarejo para onde se mudarão após o casamento. Lá Henrik iniciará suas atividades de pastor junto a uma comunidade simples do interior. Ele a convidou para visitarem uma construção abandonada, que será reformada para abrigar a capela onde Henrik exercerá seu ofício pastoral. O diálogo que ocorreu no local antecipa, de modo assustador, como ambos conduzirão os relacionamentos de casal pelo resto de suas vidas. Henrik, possivelmente, justificaria sua inesperada proposta de mudança do local do casamento e de toda a preparação para a cerimônia como movida pelas “melhores intenções”...; melhor seria interpretá-lo como tendo “outras intenções”, quais sejam isolar Anna de seu mundo familiar e social e submetê-la ao seu exclusivo domínio, distante de todos e de tudo que era lhe caro. Dentro da capela iniciaram um áspero duelo. Como em todos os outros confrontos que virão, cada qual ataca duramente o outro, até um momento de desfecho, em que quase aniquilados, ora um, ora outro, propõem uma reconciliação – a qual, como se verá, será apenas uma trégua temporária – movida pela exaustão de lidar com o incompreensível, jamais torneada pela aceitação genuína das expectativas do outro. Cada qual, no último momento – naquele que precede a ruptura definitiva da relação – cede para evitar a dor imediata maior, mas perpetua, nas entranhas da solidão afetiva, do diálogo jamais consumado, a resignação empapada de mágoas, as quais vão se acumulando sem se sublimarem jamais. O que é um diálogo, se não a busca dos determinantes últimos que controlam as verbalizações de cada um? No diálogo se procura alcançar, usando a terminologia do filme, as verdadeiras intenções. Mas, nos diálogos de Henrik e Anna, tal busca conduz ao desespero, pois cada qual sabe quais são as reais intenções do outro e elas não agradam, pelo contrário, assustam e ameaçam. O diálogo entre eles não visa ao entendimento e à conciliação, mas busca mudar e subjugar os valores mais íntimos do outro. As concessões não são regidas por amor, pois têm a cor da derrota, da impotência e não da liberdade. Ficam juntos essencialmente por fuga-esquiva, temerosos de perder um ao outro e de se entregarem ao sabor da vida que lhes seria mais natural. As contingências de reforçamento que modulam a relação conjugal são coercitivas. Não foram feitos um para o outro; mas condenados um ao outro. Segue-se o diálogo:

H: - O velho Gransjo [*é o pastor local*] pode celebrar nosso casamento?

A: - Claro, se você quiser.

H: - Aqui.

A: - Aqui? Não entendi sua decisão. Quer que nos casemos aqui?

H: - Só nós, Gransjo e duas testemunhas. Concorda?

A: - Não nos casaríamos em Uppsala? Um casamento com todas as pompas... com madrinhas, padrinhos, coro, família, amigos... Já combinamos isso, Henrik.

H: - Podemos...

A:- Já tínhamos combinado.

H: - Você combinou.

A: - Você até quis o coro acadêmico! Você e Ernst [*irmão de Anna*] decidiram tudo, já esqueceu?

H: - E se mudarmos isso? É impossível?

A: - Claro que é.

H: - Por quê?

A: - Porque quero um casamento de verdade! Quero uma excelente e notável festa! Quero comemorar um grande casamento.

H: - E o que sugeri?

A: - Paremos de discutir. Senão acabaremos brigando.

H: - Não estou discutindo.

A: - Mas eu estou.

H: - Reflita, Anna.

A: - Já refleti. Já decidimos. Você queria um casamento tão lindo quanto nossa felicidade. Devia ter objetado na época, mas deve ter tido medo.

H: -Deixe de tolices. Nós vamos viver aqui, morar aqui! Não entende? É importante começarmos uma nova vida aqui nesta igreja.

A: - Para você, mas não para mim.

H: - Não entende o que estou dizendo?

A: - Não quero entender.

H: - Se me amasse, entenderia.

A: - Tolice. Também posso dizer que, se me amasse, faria uma festa.

H: - Sua teimosia é demais. Não entende o que explico?

A: - Vou dizer o que entendo. Você detesta minha família. Quer humilhar minha mãe. Quer vingar-se de maneira dura, mas sofisticada. Admita isso!

Uma breve pausa no texto! Tentemos captar alguns episódios da vida passada de Henrik, que podem – à maneira de *flashbacks* – lançar algumas luzes para a compreensão da história de contingências de reforçamento dele.

EPISÓDIO I²

Henrik leva Anna à casa de Alma, sua mãe, a fim de apresentar-lhe a noiva. Alma procura ser acolhedora:

A: - Deixe-me olhar bem para você [*Anna*]! Sua noiva é ainda mais bonita do que na fotografia que me enviou. Querida, querida garota, espero que você esteja feliz com meu menino! Vejamos. Você agora está feliz, Henrik? Não, não, como estou sendo intrometida!

² Todo este episódio foi transcrito e editado de Bergman, I. (1991), *The Best Intentions*. New York: Arcade Publishing (pp. 147 a154).

A: - Talvez seja engraçado você dormir no quarto de menino do seu noivo, Anna. A fotografia acima da cama é do pai de Henrik, tirada quando ficamos noivos. Não acho que esteja tão boa assim... ele era tão alegre e bonito!

An: - Achei-o muito bonito e muito parecido com Henrik. Ele parece um ator.

A: - Um ator? Talvez, não sei. Ele adorava cantar. Era muito afinado. E, de repente, ele me conheceu e se casou com uma gordinha desajeitada como eu. Bem, naquela época eu não era tão gorda como estou hoje... mas de fato, havia vários me cortejando, de modo que havia competição... Me entende, Anna?

Note que Henrik não fala uma única palavra sobre o pai. Aliás, nunca Henrik e Anna conversaram sobre o pai dele... Em seguida, ao discutirem sobre onde dormiriam, Alma expressa algum comentário sobre o temperamento de Henrik.

H: - Vou dormir no sofá na sala. Está bem para mim.

A: - Não, não. *Eu* vou dormir no sofá na sala. Assim você ficará melhor e mais à vontade no seu quarto. Vou dormir como uma espada desembainhada entre dois amantes (ri).

[Alma se refere ao episódio em que o rei Marcos encontrou os amantes Isolda e Tristão dormindo lado a lado numa cabana na floresta, para onde fugiram quando os espiões do rei denunciaram a relação entre ambos... e entre eles havia uma espada, a qual simbolizou para o rei Marcos que eram castos um com o outro!]

H: - Não seja teimosa, mamãe. Vou dormir no sofá e está decidido.

A: - Ouça este ditador! Ele é assim com você ou só é autoritário dessa maneira com sua velha mãe?...

Anna e Alma sentam-se lado a lado no sofá para ver os álbuns de fotografias, “o eterno último recurso para a primeira visita de uma noiva, quando a conversa se esgotou e os minutos tornaram-se longos”. Diante das fotos Alma lembrou um passeio que fizeram durante feriados de um verão quando Henrik tinha 11 anos.

A: - ...Eu me lembro muito bem. Você estava muito bem [*de saúde*]. Depois daquele verão a beira mar, não ficou doente nenhuma vez durante o inverno. Como ele era pequeno [*dirigindo-se a Anna*]! E aquele barco a vela que ele fez sozinho olhando os desenhos de uma revista. Ele era uma criança solitária, pobre Henrik. O que ele melhor fazia era apanhar plantas e examiná-las e classificá-las de acordo com um livro. Você se lembra daquela linda coleção de plantas, Henrik? Eu a tenho guardada em algum lugar... Pobre Henrik, tenho que rir, embora eu devesse chorar quando vejo as fotos de Öregrund.

A: - Pobre pequeno Henrik! [*Alma continua examinando as fotos*] E, nossa, naquele verão nos acompanhou uma empregada, a velha Rilde, imagine, com o [*pouco*] que podíamos gastar naqueles dias. Nunca tive jeito para lidar com dinheiro. Nem o Henrik. Logo você vai se dar conta disso. Eu tinha vendido minhas joias de família, mas isso não vem ao caso. Ela [*amiga com quem viajou naquele verão*] também ficou viúva cedo... éramos todas gordas e nos provocávamos nas brincadeiras e paparicávamos Henrik, tão pequeno e magrinho. Minha nossa, como amávamos você [*voltando-se para Henrik*] e o mimávamos... Você era tão bom e doce. Nós nos

deliciávamos com você, e você sempre alegre, de bom humor, amável e bem educado. Mas eu me lembro com tristeza que você nunca interagiu com outras crianças, mesmo quando eu convidava seus colegas de escola para virem em casa... Henrik costumava sair de perto e se esconder ou se trancar no banheiro.

No fim da noite, Alma despediu-se de Anna, que já estava acomodada na cama. Henrik estava sentado no sofá que tinha sido ajeitado na sala. Alma se aproximou dele... estava respirando com dificuldade. “Anna é uma doce garota”, ela sussurrou para ele. “Anna é uma menina muito especial e adorável, uma princesa real. Você precisa cuidar bem dela.” Henrik concordou com a cabeça: “Tudo ainda me parece um sonho”, ele murmurou. “Acho que ela não tem nada a ver comigo”, ele completou. Sua mãe o beijou. “Boa noite, meu menino querido. Durma bem. Você não deve se sentir com culpa em relação a sua avó [*paterna. Alma se refere à morte recente da avó*]. Ninguém deve sentir menos culpa do que você.”

Alma retira-se para seu quarto e sozinha ora: “Meu Deus”, ela diz, “perdoa meus pecados de hoje e de todos os dias. Querido Deus, guarda e abençoa meu menininho! Querido Deus, perdoa-me por não conseguir amar aquela garota. Querido Deus, retira-a da vida de Henrik. Se eu estiver errada, se meus pensamentos forem simplesmente negros e maliciosos, puna *a mim*, Deus! Puna *a mim*! Nem a ele, nem a ela!”

EPISÓDIO II³

Quando terminaram de ver os álbuns de fotos, ainda faltava a música [*Alma era professora de piano*]. Mamãe Alma e Anna tocaram duetos. No entanto, a audição não durou muito, o que foi um alívio, pois ficou claro que Alma, muito naturalmente, era uma pianista muito melhor do que Anna, algo que Alma não hesitou em demonstrar. O momento de música foi interrompido pela campainha da porta.

Era Freddy, um velho amigo, com quem Alma havia se encontrado alguns dias antes e a quem informara da visita de Henrik e sua noiva. “Você se lembra do tio Freddy...”, disse Alma. “Ele é um tanto quanto excêntrico e muito obstinado, e insistiu em vir se encontrar com Henrik e sua futura esposa. Ele foi arquivista do *Foreign Office* e membro do Parlamento por um período e tinha se mudado para Söderhamn para viver perto de onde nasceu. *Ele e seu pai foram amigos na juventude*” (grifos adicionados). Assim falou e foi abrir a porta.

F: - Sua mãe, meu querido Henrik, insistiu, e eu nunca consegui resistir às suas solicitações. Como está Henrik? Faz muito tempo. Acho que não nos encontramos há uns 10 anos. Como vai, senhorita. Akerblon, é um imenso prazer. Que jovem senhora adorável. Henrik herdou os olhos do pai para a beleza feminina...

F: - Você é um pastor agora, meu querido Henrik. Sim, bem, eu conheci seu pai, aquele que faleceu, o farmacêutico. Ele foi um dos meus mais íntimos amigos, sabe. Embora ele fosse muito mais jovem do que eu. De fato, eu fui mais contemporâneo de seu avô.

H: - Eu de fato nunca cheguei a conhecer meu avô.

³ Todo este episódio foi transcrito e editado de Bergman, I. (1991), *The Best Intentions*. New York: Arcade Publishing (pp. 147 a154).

F: - Sim, eu sei. Eu sei. Costumávamos nos sentar na mesma bancada no Parlamento. Eu não posso dizer que o conheci de verdade. Ele não era esse tipo de pessoa [*de se deixar conhecer*].

H: - Não.

F: - Mas eu conheci sua avó. Ela era, como se diz, uma pessoa encantadora. Nós passamos toda uma noite conversando durante uma festa.

Tio Freddy fitou Henrik com aquele olho horrendo, nesse instante impossível de ser evitado. Agora a atrocidade se evidencia e a palavra “inevitável” brilha como um farol na escuridão egoísta de Henrik.

F: - Sua avó falou sobre você.

H: - Ah, sim. Falou?

F: - Ela acreditava que seu avô e o resto da família tinham cometido uma grande injustiça com sua mãe e com você. Ela disse que não conseguia viver com o pensamento de que seu neto havia sido afastado dela. Ela não sabia como fazer para recuperá-lo. Ela disse que pensar sobre a miséria e o abandono de sua mãe e de você faziam-na doente. Ela também tentou explicar sua impotência. Para todos aqueles que conhecem a família Bergman, tal impotência não seria difícil de ser compreendida.

H: - Não.

F: - Então ela morreu, não é, coitada?

H: - Sim, então ela morreu.

F: - Você conseguiu dar um jeito de ir vê-la antes de sua morte? Ela tinha uma grande necessidade...

H: - Ela estava no Hospital Acadêmico em Upsala. Eu estava fazendo meus exames e protelei ir visitá-la. Quando, afinal, dei um jeito de ir vê-la, ela já tinha morrido umas horas antes.

F: - Você se encontrou com seu avô?

H: - Nos encontramos num corredor do hospital, mas nada tínhamos para dizer um ao outro.

F: - Eu fui ao funeral, mas não o vi lá.

H: - Não fui ao funeral de minha avó.

F: - Sim, eu entendo.

Bergman encerra estes episódios com um esclarecimento. “No diário de minha avó, o qual era um texto esporádico, há uma anotação no dia 14 de setembro de 1912. Henrik veio com sua noiva. Ela é surpreendentemente linda e ele parece feliz. Fredrick Poulin apareceu à noite. Ele falou sobre coisas tediosas do passado. Isso foi inadequado e entristeceu Henrik.” (p. 158)

EPISÓDIO III⁴

⁴ Todo este episódio foi transcrito e editado de Bergman, I. (1991), *The Best Intentions*. New York: Arcade Publishing (pp. 3 a 7).

Abril de 1909. Henrik Bergman acabou de completar 23 anos e está estudando teologia na Universidade de Upsala. Dirige-se ao Grande Hotel onde vai se encontrar com seu avô paterno, Frederick Bergman.

F: - Conforme você deve ter ouvido, sua avó está doente. O Professor Oldenburg a operou no Hospital Acadêmico há alguns dias. Ele diz que não há esperança.

Henrik endurece seu coração e mantém-se indiferente... A boca abaixo de um bem aparado bigode mantém-se cerrada: “Não direi nada. Permanecerei em silêncio. Aquele homem ali não tem nada para me dizer.”

F: - Sua avó e eu temos conversado sobre você nos últimos dias. Sua avó diz, e vinha dizendo durante muitos anos, que erramos em relação a você e a sua mãe. Eu acredito que cada homem é responsável pela sua própria vida e por suas próprias ações. Seu pai rompeu conosco e foi morar em algum lugar com sua família. Foram decisão e responsabilidade dele. Sua avó diz, e sempre repetia, que nós tínhamos que tomar conta de você e de sua mãe depois que seu pai morreu. Eu penso que ele fez a escolha dele, tanto para si mesmo, como para sua família. Desta forma, a morte não muda nada. Sua avó sempre repetia que nós vivíamos incapazes de demonstrar compaixão e que não nos comportávamos como cristãos. Trata-se de um argumento que eu não entendo.

H: - Avô, se você me chamou aqui para esclarecer sua atitude com minha mãe e comigo, sobre isso eu tenho conhecimento desde sempre, desde que sou capaz me lembrar. Cada um é responsável por si mesmo. *E* por seus atos. Nisso estamos de acordo. Por favor, posso ir embora agora? No momento estou estudando para meus exames. Sinto muito pela doença de minha avó. Faça a gentileza de mandar-lhe meus cumprimentos.

F: - Sente-se e deixe-me terminar. Não me alongarei muito. *Sente-se*, eu disse! Você não tem razão para me amar, mas não há razão para ser descortês.

H: - E...?

F: - Sua avó me pediu para procurar você. Ela me disse que é seu último desejo. Ela pediu para você ir até o hospital para vê-la. Ela disse que quer pedir seu perdão por todas as penúrias que ela e eu, assim como nossa família, infligimos para você e sua mãe.

H: - Quando eu nasci e minha mãe era uma viúva, nós viajamos o longo caminho desde Kalmor até sua fazenda para pedir sua ajuda. Fomos encaminhados para dois minúsculos quartos em Söderhamn e com uma pensão de 30 coroas por mês.

F: - Meu irmão Hindrick cuidou de todos os detalhes. Eu não tive nada a ver com os acertos financeiros. Sua avó e eu estávamos vivendo em Estocolmo onde eu era um membro do Parlamento.

H: - Nada pode ser mais sem sentido do que esta conversa. É, de certa forma, constrangedor ter que testemunhar um velho senhor de quem eu sempre tive como referência sua inumanidade, mudar repentinamente e tornar-se sentimental.

F: - [*fala com raiva*] Eu não posso ir até sua avó e dizer-lhe que você me rejeitou. Não posso chegar até ela e dizer-lhe que você não quer ir vê-la.

H: - Não creio que isso será necessário.

F: - Tenho uma sugestão a propor. Sei que suas tias de Elfvik têm lhe dado um empréstimo que lhe permite estudar aqui em Upsala. Também sei que sua mãe vive com o que

recebe como professora de piano. Proponho-me a pagar-lhe esse empréstimo. Ofereço também para você e sua mãe uma pensão.

H: - O que você quer que eu lhe diga, avô?

F: - Você é muito parecido com seu pai. Você sabe disso, Henrik?

H: - Assim dizem, sim. Minha mãe me diz isso.

F: - Eu nunca entendi porque ele me odiava tão terrivelmente.

H: - Eu compreendo que você nunca o tenha entendido, avô.

F: - Eu me tornei um fazendeiro e meu irmão tornou-se um padre. Ninguém nunca nos perguntou o que queríamos ou não queríamos. Isso tem algum grande significado?

H: - Significado?

F: - Eu nunca senti nem ódio, nem amargura por meus pais. Ou se senti, esqueci.

H: - Como você é prático.

F: - O que? Ah, prático. Bem, sim, pode-se dizer isso. Seu pai tinha ideias tão vigorosas sobre liberdade. Ele estava sempre falando sobre ter que “ter sua liberdade”. Dessa forma ele se tornou um farmacêutico falido em Oland. Essa foi sua liberdade.

H: - Você o está denegrindo, avô.

F: - O que você tem a dizer sobre minha oferta? Serei responsável pelos seus estudos. Pagarei uma pensão mensal pelo resto da vida de sua mãe e pagarei seu empréstimo. Tudo o que você tem a fazer é ir até a enfermaria 12 no Hospital Acadêmico e fazer as pazes com sua avó.

H: - Como vou saber que você não vai me trapacear, avô?

F: - Minha palavra de honra, Henrik. Você terá tudo isso por escrito. Vamos redigir um acordo. Você decide sobre o valor em dinheiro e eu assinarei. O que me diz, Henrik? A avó e eu vivemos juntos durante quase quarenta anos. Dói muito, agora. Dói muito horrivelmente. O tormento físico dela é terrível, mas eles podem reduzi-lo no hospital, ao menos pelo tempo que lhe resta. O que é difícil é que ela está sofrendo espiritualmente. Eu lhe imploro que tenha um momento de compaixão. Não para mim; não lhe peço isso. Mas para ela. Você vai ser um pastor, Henrik, não é verdade? Você deve saber alguma coisa sobre amor. Eu quis dizer o amor cristão. Para mim, tudo isso é conversa e escapismos, mas, para você, falar sobre amor deve ser algo real. Tenha piedade por uma pessoa doente e desesperada. Eu lhe darei o que quiser. Você decide sobre o quanto. Não vou regatear. Mas você deve ajudar sua avó em seu sofrimento. Você está ouvindo o que lhe estou dizendo?

H: - Vá até a mulher que é chamada de minha avó e diga-lhe de minha parte que ela viveu uma vida inteira ao lado de seu marido sem ajudar minha mãe nem a mim. Sem enfrentá-lo, meu avô. Ela estava ciente de nossa miséria e enviou pequenos presentes nos Natais e aniversários. Diga a essa mulher que ela escolheu sua vida e sua morte. Ela nunca terá meu perdão. Diga-lhe que eu a desprezo em defesa de minha mãe, e eu odeio você e pessoas como você. Eu nunca me tornarei como você.

Frederick Bergman segurou o braço do rapaz firmemente e vagarosamente o sacudiu. Henrik manteve-se olhando para ele.

H: - Você vai me bater, avô?

Os três episódios se complementam. Expõem *indícios* sobre as origens dos padrões comportamentais, emocionais e afetivos que Henrik apresentou até o final de sua vida! Indícios

não são contingências de reforçamento. São estímulos discriminativos para evocar comportamentos específicos no estudioso, seja ele um terapeuta, seja ele um biógrafo, que lhe permitam identificar contingências de reforçamento fundamentais que compuseram a história de contingências de Henrik. Pelo que se viu, no decorrer da vida dele as experiências afetivas, sociais, financeiras, culturais sob as quais viveu adquiriram funções de *contingências de reforçamento matriciais*: poderosas contingências capazes de instalar padrões comportamentais praticamente inalteráveis, mesmo quando confrontados com novas possibilidades, com contingências mais saudáveis...

É tempo de retomar o episódio em que os noivos negaceiam seus íntimos, se provocam mutuamente para depois, exauridos pelas dores evocadas, se reconfortarem, temporariamente, ao lado um do outro!

H: - Você interpreta mal as coisas. Notavelmente mal. Mas, vejo que está do lado da sua família, contra mim.

A: - Você está maluco. Quase matei minha mãe para voltar para você.

H: - Só pedi um pequeno sacrifício.

A: - Às vezes, você me parece ser de uma classe bem inferior. Tem a mania de se mostrar pior do que é! Finge ser o que não é! Alardeia sua pobreza, sua sofrida infância e sua pobre mãe!

H: - Lembro-me de quando eu disse que a Frida [*namorada anterior de Henrik*] era garçonne... do seu tom de voz e do seu desdém!

A: - Você não precisa usar camisas e meias furadas... nem ter caspas e unhas sujas! Às vezes, cheira até a suor!

H: - Você passou dos limites.

A: - E você não tolera a verdade!

H: - Não tolero sua crueldade.

A: - Está bem. Foi bom conversarmos agora.

H: - Sim, agora sabemos onde pisamos e o erro que cometemos!

A: - Meu bom Deus, perdoai-me. Henrik... Henrik, me perdoe. Eu disse coisas horríveis. Pode me perdoar? Precisa me perdoar. [*Anna toca o rosto de Henrik. Ele, num impulso violento, a empurra e dá-lhe um tapa no rosto.*]

H: - Suma daqui! Não quero mais vê-la! Você é má! Suma daqui!

A: - Você é louco! Agora entendo o receio que mamãe tinha de você!

H: - Ótimo. Vocês duas se abraçarão... e darão graças a Deus por você ter perdido apenas a virgindade.

A: - Como você é grosseiro! E é um mentiroso do pior tipo, pois nunca sabe quando mente! Você deve procurar sua garçonne Frieda e se casar com ela!

H: - Cale-se!

A: - Começo a reconhecer minha vida. Ela está voltando a ser o que era. Eu estava sonhando. Agora acordei.

A: - Aqui estou, em uma casa em ruínas no meio do nada. Eu! Que loucura! Um estranho gritando comigo... E planejávamos ter filhos! Três filhos! Como podemos continuar?

H: - Não sei.

A: - Tínhamos um somatório de amor e o desperdiçamos futilmente.

H: - É verdade.

A: - Por mim o casamento pode ser em qualquer lugar. Isso agora pouco importa. Não nos casaremos. Posso ser sua governanta, Henrik...

O confronto terminou com alguma forma de entendimento entre Anna e Henrik. Terá sido um entendimento? Não! O aparente entendimento foi comportamento de fuga-esquiva de ambos, evocado pela dor produzida pela ameaça de separação. Então, se amavam, pode-se concluir! Não necessariamente: a dor de uma separação pode ser resultado de muitos sentimentos, como os de rejeição, humilhação, competição, dominação, solidão, fracasso, desamparo... e, possivelmente, amor!

Apesar de tudo, alheios às evidências de como vinham sendo conflituosas as interações entre ambos desde que se conheceram, eles se casaram e tiveram três filhos. O comportamento humano não é determinado pela lógica, nem pelo “entendimento da realidade”, mas por contingências de reforçamento. Em geral, nem mesmo pela descrição que se faz das contingências de reforçamento em operação, mas pelo genuíno contato das pessoas com elas.

Enquanto houver esperança, não haverá desespero. “Na dúvida, ninguém desespera.” (Jacobsen, 2001, p. 65) Henrik e Anna adentram tão profundamente no abismo do desencontro que se acabam as esperanças. Logo, o desespero. A única saída é fingir que as agressões são fruto de um impulso que, superado, restaurará a relação entre eles e assim é-lhes devolvida a esperança.

“Só quando a última porta se fecha à nossa frente é que se cravam em nosso peito as geladas garras da certeza, que pouco a pouco penetram, já dentro do nosso coração, a finíssima teia da esperança da qual pende a nossa felicidade. Então, rasgam-se os fios dessa teia, então cai e só então é destruído o que eles ainda sustentavam, e então ecoa agudo pelo espaço o grito de desespero.” (Jacobsen, 2001, p. 65).

Mas, o que as pessoas são capazes de fazer com seu desespero? O que muitos fazem:

“Fecham os olhos à realidade, não querem ouvir o *não* que ela opõe aos nossos desejos; esquecem o abismo profundo que os separa do seu objeto. Desejam realizar os seus sonhos. Mas a vida não toma em consideração os sonhos; não há um só obstáculo real que eles possam superar, e o homem afinal acorda gemendo no fundo do abismo, que não mudou, é o mesmo de sempre.” (Jacobsen, 2001, p. 70).

Henrik e Anna ao dizerem “sim” um para o outro, acreditaram que o sonho poderia superar a realidade. Enganaram-se, porém. O “sim” não os aproximou; acentuou-lhes o abismo.

“Há homens que são capazes de assumir os seus sofrimentos até o fim, naturezas vigorosas que experimentam as suas forças justamente sob o peso da infelicidade, enquanto outros – mais fracos – abandonam-se à dor sem resistências, como vítimas de uma moléstia. E como uma moléstia penetra-os o sofrimento, embebe-se no âmago do seu ser, identifica-se com eles, assimilando-se através de uma luta prolongada e desaparece com a volta à saúde.

Mas, existem também seres para os quais o sofrimento significa um atentado à sua pessoa, uma crueldade, e nunca uma provocação, um castigo ou um mero capricho do

destino. Tomam-no como um golpe de tirania odiosa e dele guardam sempre uma cicatriz no fundo do coração.” (Jacobsen, 2001, p. 77).

Henrik retrata claramente esta última posição: “A cicatriz no fundo do coração” nunca se fecha completamente. Para ele, o fato de Anna amar a mãe, os tios e os irmãos significa não amá-lo e a “crueldade” dela contra ele (por amá-los) tinha que ser domada. Anna, por seu lado, sofre porque seu sonho de felicidade é viver em paz ao lado de Henrik (o que veio a se mostrar inatingível), convivendo harmoniosa e afetivamente com seus familiares. Os termos de Henrik não contemplavam tal alternativa. Anna tinha que ser dele... apenas dele! A paz de Anna, ao lado dos entes queridos, implicava afastar-se de Henrik, alternativa esta várias vezes pensada e desejada; pelo menos uma vez testada, mas jamais consumada de forma definitiva. Henrik se comporta como uma criança, “pois a crianças nunca se contentam com o vago e o incerto, mas reclamam sempre, com um instinto igual ao de conservação, um *sim* ou um *não* categórico, em *pró* ou *contra*, para que possam saber exatamente o que devem odiar e o que devem amar.” (Jacobsen, 2001, p. 81). Anna se comporta como uma criança impotente diante do poder que ela própria atribuíra e dava a Henrik: a força dele era a fraqueza dela. Um precisava do outro por razões ocultas para ambos. Não é possível nomear com fidedignidade sentimentos cujos determinantes não são conhecidos. Assim, não importa que nomes Anna e Henrik davam para o sentir de cada um pelo outro; eles não estavam cientes do que exatamente sentiam.

O comportamento de fuga-esquiva é a reconciliação. Não é um ato de amor, pois é mantido por reforçamento negativo: fogem das contingências que produzem a ruptura e que os lançam ao desespero. Fogem da dor; não caminham para o amor. Há uma confusão afetiva, por certo, e o sentimento de alívio que ocorre quando se reaproximam é confundido com o sentimento de amor. Tal ciclo se repete redundantemente: trata-se do “eterno retorno” (de Nietzsche) para a dor (ou para a não dor?). Cada qual entendeu que a vida lhes produzia medo: da perda, da solidão, do esquecimento pelo outro. Medo, enfim! Compreenderam também que:

“quando um homem é condenado a sofrer, não se trata de poesia nem de uma simples ameaça; trata-se de ser arrastado à câmara de torturas e ser de fato torturado, e não há, no último momento, salvação como nos contos de aventura, nem despertar súbito como nas parábolas”. (Jacobsen, 2001, p. 71).

No entanto, para eles, “dois” (juntos) e “um” (separados) não tinham o mesmo significado. Para Anna, “dois” incluía necessariamente acrescentar, ao lado da família composta por Henrik e os filhos, a mãe, os tios, os irmãos, alegrias, comemorações, viagens, teatro, outras pessoas amigas... Era a forma de viver bem a vida: com alegria, com espontaneidade, com iniciativas, com diversidade, variedade. Por outro lado, “um” era a solidão, a imutabilidade, o recolhimento, o isolamento, a resignação ao lado de Henrik e dos filhos. Por sua vez, Henrik precisava do mesmismo, da repetição, do indivisível, da ausência de intromissão. Que distância entre os dois mundos – de Henrik e de Anna; nenhum deles podia mais reinar absoluto, cada qual dentro do território que cada um demarcou em suas fantasias de poder e de liberdade. Não mais. Agora cada um deles era um ser a serviço de alguém mais; não há mais solidão, mas ambos fazem parte de uma multidão, aquela constituída por um mínimo de participantes; apenas os dois. O estandarte a ser empunhado e conduzido agora tinha que ser compartilhado, mas ele não é de uma única cor. Elas são duas, que nunca se fundem, jamais se diluem, mantêm-se inalteradas: nos

conflitos conjugais as cores são separadas por um muro intransponível (as crenças, os valores, as fantasias, os desejos... de cada um); na reconciliação, elas se aproximam, mas se mantêm separadas por uma linha tênue (forjada pelas ilusões do entendimento, da reconciliação, da boa vida em paz...), que se esgarça bruscamente no próximo desentendimento. As oposições os mantiveram tão perto (pela necessidade ávida de alívio, despertada pelo medo do rompimento) e tão longe (pela necessidade desesperada de alívio despertada pela impossibilidade do entendimento). As oposições os mantiveram juntos. O sonho de fagocitar o parceiro nunca se concretizou. A importância de domar o outro pode desaparecer exatamente quando o processo se completar... (Isso não ocorreu!) A submissão encerra a luta; não festeja a vitória!

Mas o que aconteceria se um fagocitasse o outro? Talvez, para ambos coubesse a descrição que Jacobsen (2001) fez da conquista de uma de suas personagens:

[Ele] “via com olhos hostis e invejosos suas inclinações e opiniões, seus gostos e sua concepção de vida [dela]; para conquistá-la lutou com todas as armas, com fina eloquência, com lógica cruel e rude autoridade, com ironia que se disfarçava em compaixão – e ganhou-a para si e para sua concepção de vida. Porém, tão logo sua causa de verdade fora vitoriosa e sua amada tornara-se igual a ele, percebeu que ganhara demais, fora além do que desejara, que sempre amara com as suas ilusões e preconceitos, suas quimeras e seus erros, e não como ela era agora. Descontente consigo mesmo, com ela [...] partiu para longe e não voltou mais.” (Jacobsen, 2001, p.105)

Concluo: só é possível o amor sem os atos conscientes de transformar o outro; se não lhe serve como é, basta. Nada além pode ser feito. Nem deve ser tentado.

Talvez o título do filme possa ser compreendido a partir do que Bergman (1987) escreveu:

“Uma coisa compreendo sem dificuldade maior: que a nossa família era gente de boas intenções, mas todos os seus membros arrastavam uma herança catastrófica de exigências desmedidas que impunham a si próprios, além de sofrerem remorsos e um sentimento de culpa.” (p. 291)

As tormentas maritais foram previstas pela mãe de Anna no início do relacionamento entre ambos. Veja o diálogo que Karin e Henrik mantiveram a sós, durante uma breve temporada na casa de campo da família, durante a qual Henrik conviveu com os familiares de Anna, logo no início do envolvimento entre Anna e Henrik [*na verdade, Karin permitiu tal convivência para melhor conhecer Henrik e levá-lo a avaliar o que significaria conviver com a família de Anna*]:

K: - Serei franca com você.

K: - Mesmo que eu tenha que ferir seus sentimentos.

K: - Minha antipatia [*por você*] é apenas em função de Anna.

K: - Creio que conheço bem minha filha.

K: - Acho que uma relação entre vocês dois resultaria em catástrofe.

K: - É uma palavra forte e posso estar exagerando... mas devo usar a palavra “catástrofe”.

K: - Não imagino que haja pior e mais funesta combinação... do que a de nossa Anna e você.

K: - Anna é uma moça muito mimada... decidida, emotiva, de bom coração.

K: - Ela precisa de um homem maduro que a trate com amor... firmeza e generosa paciência.

K: -Você é um jovem imaturo... inexperiente, talvez com profundos e antigos traumas... já incuráveis.

H:- Posso dizer uma coisa?

K - Sim... Claro.

H: -Não converso nesses termos.

K: - O fato é que, com meu poder e por todos os meios... impedirei que minha filha o aceite.

H: -Não poderá impedir.

K: -Espere e verá.

Karin avaliou mal a própria capacidade de conduzir o destino da filha: Anna e Henrik se casaram. Não errou, porém na sua previsão: o casamento foi uma catástrofe para ambos e para os filhos que geraram.

Quando a mãe lhe dissera o que pensava sobre Henrik, Anna se mostrou incrédula. Tudo que há por se conquistar nos parece mais valioso. O desconhecido nos espanta e podemos querê-lo como um talismã que nos dará acesso ao supremo bem: a felicidade. Para ambos – Henrik e Anna – o espanto que cada um despertava no outro os atraía. Não quero me furtar de apresentar uma imagem lúcida de Jacobsen (2001) que dá contornos aos sonhos de Anna:

“Os grandes espetáculos [*por ela sonhados*] foram se revelando, então, mas nada a invadiu e a dominou com a força e a capacidade de absorção que ela havia esperado. Pensara nisso tudo de modo muito diferente. Em sonhos e histórias imaginava as paisagens como na margem oposta de um lago, a névoa da distância envolvia sugestivamente os detalhes da realidade, grandes traços reduziam as formas a uma unidade ideal e o silêncio da distância ampliava o efeito do conjunto, tornava tão fácil surpreender a beleza... Agora que ela estava no centro do quadro e cada linha se acentuava diante dela e produzia os múltiplos acentos da realidade, agora que a beleza se dividia como a luz através de um prisma, agora conseguia transpô-las para o outro lado do lago, e com profundo desânimo devia confessar a si própria que se sentia pobre de todas essas riquezas de que não conseguia dispor.” (p. 139).

Anna fala no seu diário do *fiasco* que foi sua vida⁵. Um *fiasco* completo que ela não consegue esconder de si mesma. Mas que Henrik se nega a reconhecer. Ele não entende de que *fiasco* ela está falando. Quanta alienação!

Karin, porém nunca desistiu de amparar a filha, mesmo Anna se portando de maneira que contraria os conceitos de Karin sobre o relacionamento do casal. Veja a transcrição que Bergman (1987) fez do diário da mãe, escrito em julho de 1918:

“Nosso filho [*trata-se do Ingmar*] nasceu na manhã de 14 de julho, um domingo. Teve logo febre alta e diarreias difíceis de debelar. Parece mais um esqueleto com um narizinho vermelho do que outra coisa. Recusa-se a abrir os olhos. Devido à minha doença, uns dias depois do parto já não tinha leite para amamentá-lo. Foi então que o batizaram de emergência, aqui no hospital. Demos-lhe o nome de Ernest Ingmar. Minha mãe, que está exasperada com a incapacidade do Henrik para resolver os problemas do dia-a dia, levou-o consigo para Varoms, onde contratou uma ama. Henrik, por sua vez, está ofendido com a intromissão de minha mãe em nossa vida. E eu aqui doente, sem poder

⁵ O *fiasco* é apresentado no filme *Crianças de Domingo*, com roteiro escrito por I. Bergman e direção de seu filho, Daniel Bergman.

agir. Às vezes, quando estou só, me ponho a chorar. Minha mãe diz que se o bebê morrer, ela tomará conta do Dag [*irmão mais velho de Ingmar*] para que eu possa exercer minha profissão. Ela quer que eu me divorcie do Henrik o mais depressa possível, ‘antes que ele faça outra loucura levado pelo ódio que alimenta dentro de si’, mas eu acho que não tenho o direito de deixá-lo. Ele anda sobrecarregado de trabalho e esteve mal dos nervos durante toda a primavera. Minha mãe diz que ele é fingido, mas eu não acredito. Nas minhas orações imploro a Deus, ainda que sem grande fé. A vida é assim mesmo: cada um tem de se arranjar o melhor que puder.” (pp. 291 – 292).

O título do filme pode, por outro lado, revelar a condição humana: capaz de visualizar, pensar, imaginar como gostaria de viver com marido, mulher, filhos..., como gostaria de tratá-los e por eles ser tratada, a pessoa quase sempre se vê desamparada e impotente para concretizar seus sonhos! Numa linguagem comportamental, imaginar quais contingências de reforçamento positivas amenas deveriam estar operando nas interações familiares não habilita ninguém a colocá-las em prática. Intenções podem conter descrições de contingências de reforçamento (autorregras) que produzem um relacionamento feliz. No entanto, *enunciar uma autorregra é diferente de se comportar sob o controle dela*.

São duas histórias de contingências: a de Henrik, o marido, e a de Anna, a mulher, que pouco têm em comum. O que é reforçador para ela: a própria família de origem, uma vida alegre, os filhos criados num ambiente mais democrático, os confortos que um salário melhor proporcionam, se opõem àquilo que controla o marido: isolamento familiar, vida espartana, poucos lazeres, relações interpessoais autoritárias – exigindo submissão – tudo isso oculto por uma redoma inexpugnável, urdida com os axiomas da religião.

Frida parece compreender perfeitamente como Henrik se comporta e se sente. Leiam o diálogo que manteve com Anna, enquanto Henrik não se decidia por nenhuma das duas.

F: - [*Quero lhe falar sobre...*] Trata-se do Henrik.

F: - Peça-lhe que o aceite de volta. Ele está... está... cada vez mais arrasado.

F: - É estranho lhe dizer isso, mas não conheço melhor termo.

F: - Ele estuda até tarde da noite e está tão abatido que dá pena.

F: - Pouco sei sobre o que houve entre vocês. Ele não disse, só imaginei.

F: - Tento não ficar zangada ou magoada.

F: - Não se pode ocultar o que se sente. Não posso evitar ficar furiosa, por exemplo. Ou evitar gostar dele, embora ele se mostre inseguro.

F: - Sabe o que eu acho?

F: - Que somos três infelizes que sofrem e choram em segredo.

F: - E tenho que ser a primeira a reagir. Para meu próprio bem.

F: - Não quero mais me deixar ser magoada e humilhada.

F: - Ele se deita na minha cama e chora por outra mulher.

F: - É humilhante.

F: - Direi uma coisa que penso o tempo todo... o coitado não tem uma vida real. Nada vale a pena.

A: - O que devo fazer?

F: - Aceite-o de volta. Decida-se.

F: - Henrik é a melhor pessoa que já conheci.

F: - Ele é gentil e bom, não há ninguém melhor.

F: - Quero que ele se dê bem. As coisas nunca deram certo para ele.

F: - *Ele precisa gostar de alguém, para não odiar tanto a si mesmo.* [itálico adicionado]

Só há entre eles um ponto comum: a dependência de um em relação ao outro, mantida por contingências coercitivas intensas e contínuas, interrompidas por eventuais momentos de reforçamento positivo. Corrijo-me, melhor que dizer ilhotas de reforçamento positivo, num oceano de controle aversivo, seria entender que não há propriamente reforço positivo, mas pausas de aversividade que geram sentimentos de alívio. Como é saboroso o paladar do alívio, quando se interrompe a dilacerante ruptura dos fios que tecem a falsa manta da felicidade conjugal. Mas a ruptura é fugaz e o alívio por demais breve.

Frida não foi altruísta desistindo de Henrik, em favor de Anna. Foi mais sensível que Anna às contingências aversivas provindas do Henrik (“Não quero mais me deixar ser magoada e humilhada.”). O comportamento de Frida foi de fuga-esquiva. Quando ela diz que Henrik é boa pessoa não está tentando enganar Anna. Minha interpretação é que ela conseguiu discriminar que os comportamentos de Henrik, que lhe eram aversivos, eram emitidos sem que ele tivesse consciência da função que tinham: Henrik se comportava mais sob controle dos sentimentos produzidos pelas contingências presentes e das autorregras produzidas pela sua história de contingências, do que sob controle dos comportamentos e sentimentos da outra pessoa com quem interagia (Frida e Anna). Desta maneira, numa linguagem cotidiana, ele não agia com a *intenção de feri-la* (não estava sob controle dos comportamentos dela), mas por déficits de repertório (ele não dialogava, era inseguro, segundo Frida) e por reagir a outras contingências, conforme dito acima. A opção de Anna, de ficar com Henrik, revela diferentes histórias de contingências. Há pelo menos dois pontos importantes na vida de Anna que sugerem caminhos para compreender sua escolha. O primeiro deles é que Anna foi amada pelo pai. Veja o diálogo que se segue após Anna ter acordado o pai com um beijo:

A: - Dormindo, papai?

P: - Sim, estou.

P: - Estou dormindo e sonhando que estou dormindo. Sonhando que estou dormindo aqui sentado.

P: - Então, a porta se abre e entra a mais linda... a mais dedicada e carinhosa de todas as mulheres.

P: - Ela se aproxima de mim... sopra em meu rosto com seu doce hálito... e pergunta se estou dormindo.

P: - Então, sonho e penso: “Deve ser assim que se acorda no Paraíso.”

Não é uma bela declaração de amor paterno? Tais contingências desenvolvem sentimentos de autoestima. Além disso, por generalização, podem ser formuladas autorregras, tais como: “Homens sabem ou aprendem a amar... logo Henrik aprenderá a me dar amor com carinho”.

Em segundo lugar, Anna teve uma rica história de contingências de reforçamento positivo (Karen afirmou para Henrik que Anna era mimada), em particular na interação com a mãe, com quem fala o que pensa, faz o que quer e – agradando ou não à mãe – não perde o amor desta, pois Karin, afinal, sempre a acolhe, independentemente do comportamento da filha lhe ser aversivo.

(Contingências de reforçamento positivo amenas, de natureza social, produzem sentimentos de liberdade, de segurança, de bem estar... e quando os reforços são apresentados sem relações de contingências de reforçamento – reforços livres – emergem sentimentos de autoestima. Produzem também variabilidade comportamental, emissão espontânea de comportamentos, iniciativas... Tais características comportamentais e emocionais de Anna, fruto de sua história de contingências de reforçamento, virão a ser um insuportável obstáculo para Henrik.) Anna deve ter generalizado para a relação conjugal o mesmo padrão de relacionamento que teve com a mãe. A autorregra poderia ser assim formulada: “Posso ser franca, direta, tomar minhas decisões – mesmo que contrariem Henrik –, que ele me acolherá e me amará como o faz minha mãe.”

Anna, infelizmente, errou em ambas as generalizações... Henrik nunca aprendeu a amar, nem a dar carinho; sempre que Anna foi franca com Henrik, despertou nele violentos ataques agressivos e ameaças radicais! Enfim, Henrik não se comportou de acordo com as autorregras de Anna. Afinal, eram autorregras geradas pela história de contingências *dela*; não eram contingências atuando *sobre Henrik*. Anna foi criada com amor e com liberdade. Sentia-se amada qualquer que fosse seu padrão de comportamentos: podia ser doce e carinhosa; podia ser fútil e superficial; podia ser alegre, expansiva e espontânea; podia ser birrenta, distante, ensimesmada; podia ser impulsiva, explosiva, exigente, caprichosa... o amor provindo da família lhe era acessível em qualquer circunstância. Afinal, rephraseando as palavras da mãe: ela aprendeu a conviver num contexto de pessoas maduras e capazes de amar. Tal frase leva à conclusão de que não são fundamentalmente os comportamentos de Anna que produzem afeto; é preciso, portanto, que o ambiente social lhe dê afeto sem ficar sob controle das contingências comportamentais. Ela aprendeu a receber reforço livre e viverá melhor num ambiente em que as pessoas (no presente estudo, Henrik) tenham mais a dar do que a receber. Não foi assim no casamento!

O universo de amor de Anna, porém, era fundamentalmente a família. Protegida pelos pais e irmãos, ela tinha rico repertório de sentimentos e comportamentos de autoestima – mas tão somente no ambiente conhecido e privilegiado da família. Da mesma forma, desenvolveu rico repertório de sentimentos e comportamentos de autoconfiança: era ousada e atrevida nos seus comportamentos, mas tão somente num ambiente protetor. Era, portanto, dependente de pessoas confiáveis, devotadas ao seu bem-estar. Tinha baixa tolerância à frustração, o que pouco importava num contexto social que a protegia de dissabores. Não precisava ser responsável no seio de sua família que se responsabilizava pela sua segurança e a blindava contra maus feitos. Anna era, enfim, uma pessoa maravilhosa quando cercada por contingências de reforçamento positivo que evocavam o melhor dela e a protegiam nos seus excessos. Anna era, enfim, uma pessoa insegura, frágil, dependente, vulnerável quando exposta a um mundo hostil. Henrik sintetizou em uma única pessoa um mundo hostil. Na relação com Henrik, que duramente a isolou – o quanto pode – da família amorosa e protetora dela, Anna passou a viver de forma desgovernada, à mercê do controle coercitivo de Henrik: qual um tronco de madeira que se mantém na superfície de águas calmas ou tormentosas; em cursos tranquilos ou de turbilhão; que roça suavemente as margens ou despenca com impacto violento numa cachoeira... Anna conviveu com um marido marcado por uma história de contingências de reforçamento que o ensinaram a ser agressivo, a revidar de modo intenso a qualquer sinal de rejeição, a ser possessivo, a atacar o próximo como fonte perene de perigo, a resistir a qualquer tentativa de autoconhecimento, a substituir o amor, que constrói vínculos de afeto, por punição, que cria distâncias entre pessoas e corrói qualquer iniciativa de amor. Havia, no entanto, uma

característica comportamental de Henrik que tornava ainda mais difícil o contracontrole: ele, depois de ataques de ira, se mostrava frágil, dependente, carente de perdão... Tal padrão induzia em Anna a expectativa da mudança... uma esperança, no entanto, que não se baseava em evidências. Assim, Henrik despertava em Anna comportamentos e sentimentos de proteção, e ela o acolhia, ela se oferecia para cuidar da relação em novos termos, alienada da realidade de que as mudanças momentâneas de Henrik eram comportamentos de fuga-esquiva da dor que ele estava sentindo e não resultantes de uma autocrítica genuína a respeito de sua maneira de ver o mundo socioafetivo que o rodeava... Sua quietude e aparente submissão não eram funcionalmente uma proposta de mudar comportamentos e pensamentos, mas tão somente uma maneira de retomar o controle da relação, nos moldes como aprendeu a conceber as relações íntimas: oprimindo o outro sob suas crenças e necessidades emocionais. De qualquer maneira, Anna estava exposta a um esquema de reforçamento que dificulta comportamentos e sentimentos de liberdade: muito controle coercitivo na forma de punição positiva (agressões verbais e físicas) e punição negativa (retirada de atenção e afeto), mesclado com episódios de dependência afetiva, de necessidade faminta de companhia e presença dela, os quais tinham função de dar a Anna doses de afeto.

Como podemos analisar Henrik? Foi criado pela mãe em condições financeiras e afetivas precárias. Os avós paternos os abandonaram com desprezo e, possivelmente, ódio. Talvez pudéssemos resumir os pensamentos dos avós da seguinte maneira: “Não nos pertencem... Não são uma extensão de nós próprios. Não os ajudaremos. A dor deles não nos pertence. Não importa que nos odeiem...” É pior que o simples desprezo. Henrik aprendeu algumas estratégias de sobrevivência afetiva: não perdoar o próximo, sufocar o amor e cultivar o ódio pelo outro, não reconhecer seus próprios erros e falhas, responsabilizar aqueles que o cercam pela origem de suas dores, manter-se rígido sentimental e comportamentalmente, o que, na prática da convivência, significou: recuar para não perder mais daquilo que tem, tão somente para reconquistar posições perdidas e, desta maneira, retomar padrões estereotipados de ações. Particularmente, o ódio de Henrik pelo próximo se fixou numa oposição entre castas: os oprimidos (ele e a mãe), que têm que se defender e vencer os opressores (os de classe mais abastada, os mais cultos, os que tentam ser felizes, os que sabem trocar gestos de amor). Henrik generalizou e estabeleceu relações de equivalência das relações dele com a mãe, caracterizadas por estreita união de dependência (não de amor) entre ambos, de exclusão dos demais, de cultivo do ódio contra quaisquer outros – vistos como clones do avô e da avó... Henrik queria transformar Anna numa réplica da mãe: seja só minha, dê-me tudo aquilo de que necessito – não importando quão absurdo possa ser – e comigo odeie todos, mesmo os que lhe são caros! Simultaneamente, Henrik generalizou e estabeleceu relações de equivalência entre seus avós paternos e as demais pessoas, como se dissesse para si mesmo: “Todos querem me destruir, conspiram contra minha felicidade, colocam obstáculos ao meu crescimento pessoal e profissional, ao meu desenvolvimento comportamental e afetivo.” Nem mesmo o convite da rainha o sensibilizou: entendeu que tornar-se capelão real era submeter-se, oprimir-se, restringir sua liberdade para se defender de seus demônios. Note quão árdua seria a tarefa de um terapeuta – se Henrik se propusesse a ouvir alguém com tal função – para torná-lo consciente do papel que sua história de contingências de reforçamento teve na construção de seus valores (o que lhe era reforçador ou aversivo), de seu repertório comportamental e afetivo, de suas regras e autorreglas avessas a quaisquer mínimos retoques... Sem o reconhecimento de que sua essência foi destruída das formas acima descritas, não há a menor chance de mudanças comportamentais e afetivas

significativas duradouras. Henrik não amava os humildes de sua paróquia: os subjugava, os dominava em nome de um deus por ele criado. Henrik não aprendeu a ser feliz nem a ser bom consigo mesmo – muito menos com o outro – pois felicidade e bondade o tornariam vulnerável perante o mundo. Nas palavras de Frida, ele se odiava e precisaria ser amado para poder amar e, quem sabe, vir a se amar. No entanto, amar é comportamento muito abrangente e complexo para ser instalado e ampliado num ambiente afetivo paupérrimo, como foi o contexto familiar no qual Henrik se desenvolveu. Quando pôde amar – depois que conheceu Anna -, já não era mais capaz de aprender a amar: já era muito insensível a quaisquer novas contingências de reforçamento. Henrik aprendeu até o mais íntimo do seu ser a odiar ao próximo como a si mesmo; se possível, odiá-lo até mais!

Aos filhos, qual espectadores diante de dois gladiadores à espera de um sinal do polegar sinalizando “viva ou morra”, só restou receber dos pais o mínimo para serem domesticados!

O filme não é sobre amor, mas sobre o ódio disfarçado com aromas de bem-me-quer. Veja como Bergman (1987) descreveu a transformação da mãe, a partir de um estudo fotográfico [*mais do que uma galeria de fotos, Bergman revela as transformações da mãe*]:

“Há alguns anos fiz um documentário curto sobre o rosto de minha mãe... Começa com uma fotografia de quando ela tinha três anos e termina com uma fotografia para o passaporte, tirada uns meses antes de ter sofrido o último enfarte cardíaco.”

“Durante dias seguidos estudei centenas de fotografias através da lente de aumento: a da menina altiva, arrogante mas simpática, que era a filha preferida de um pai já idoso; a da garota em idade escolar com os coleguinhas de turma da professora Rosa, em 1890, voltando o rosto num gesto de desagrado e vestida num avental enorme, bordado, que a distingue de todos os outros que não usavam; a fotografia em que está vestida para a primeira comunhão, parecendo uma menina das peças de Tcheknov; nesta foto a vemos com uma blusa cara, branca e com ramagens, de corte russo, o olhar é lânguido e enigmático; a que tirou quando era uma jovem enfermeira, de uniforme, uma mulher preparada para começar a trabalhar, decidida e confiante; depois a foto tirada em Orsa, em 1912, no dia em que ficou noiva, que é uma imagem genial, reveladora de uma compreensão intuitiva: o noivo está sentado a uma mesa, muito bem penteado, todo prosa na sua primeira sotaina, e lê um livro; à mesma mesa, com um bordado, uma toalha que ela estendeu ao mesmo tempo que se inclinou para a frente, fixando a máquina fotográfica; nesta fotografia a luz vem de cima e escurece o olhar que é ávido, embora sombrio – uma imagem da solidão de duas pessoas sem uma fronteira comum. Uma fotografia comovente é aquela em que minha mãe está sentada num cadeirão, tendo diante dela um perdigueiro que a contempla com dedicação, o que a faz rir – uma das raras fotografias em que a vemos alegre. Esta foto é também a imagem de uma mulher recém-casada, livre dos pais.”

“Depois a fotografia de uma pequena paróquia no interior de uma floresta da província de Hälsing, quando ainda não existia o ódio entre minha mãe e o ‘bom pastor’ (como ela chamava meu pai). A foto da primeira gravidez: minha mãe, numa atitude de cansaço, se encosta ao ombro do marido que sorri com ar protetor, ainda que só o bastante para se notar. Os lábios de minha mãe estão inchados como se tivessem beijado muito, o olhar é turvo, as feições são suaves e francas.”

“A seguir, as fotos tiradas na capital: o lindo casal com os filhos, bonitos e bem cuidados, no andar claro de um prédio situado em rua de pouco movimento do bairro de Östermalm. Aquelas em que se vê minha mãe, bem penteada, elegante, o olhar simulado, o sorriso cerimonioso, usa jóias bonitas, é uma mulher com vida, com

encanto. Tanto meu pai como minha mãe tinham assumido os seus papéis e representavam com entusiasmo.”

“Há uma outra fotografia em que podemos ver minha mãe a rir: foi tirada na escada da varanda de nossa casa de Varoms; eu teria, na época, uns quatro anos e estou sentado nos seus joelhos. Meu irmão, que tinha oito anos, está encostado ao corrimão. Minha mãe usa um vestido de algodão, leve, e apesar do calor que fazia, calça botinas. Seguramente com ambas as mãos à volta da cintura, aquelas mãos pequenas, fortes, secas, suaves de unhas curtas e pele maltratada. Do que me recordo melhor, no entanto, é da profunda linha da vida na palma da mão, das ramagens azuladas formadas pelas veias salientes, parecendo ora flores ora animais. Mãos que expressavam sentido de responsabilidade, esmero, força. E vez por outra ternura.”

“Continuo a folhear os álbuns. Minha mãe aparece cada vez menos nas fotografias, nas quais aparecem cada vez mais parentes. Uma fotografia a mostra pouco depois de ter sido operada, intervenção em que lhe extraíram o útero e os ovários. Está sentada com os olhos semicerrados, usa um vestido bonito, claro, e seu sorriso já não ilumina o olhar. Outras fotos. Uma, em que a vemos endireitando as costas depois de ter estado curvada, plantando umas flores. As mãos estão sujas de terra e caem-lhe inertes ao longo do corpo. Cansaço, talvez ansiedade, agora que tanto meu pai como ela estão sós. Os filhos e os netos já não estão em casa, são filhos bergmanianos que aprenderam que não se deve incomodar os outros e que tampouco devemos ser intrometidos.”

“Finalmente a última fotografia, a do passaporte. Minha mãe adorava viajar, tanto como adorava teatro, livros, cinema, convívio. Meu pai, esse detestava fazer viagem, visitas improvisadas, gente estranha. Por ter piorado da sua doença, ele sentia vergonha das suas maneiras desajeitadas, da dificuldade que tinha em manter a cabeça firme, em andar. Isto restringiu cada vez mais a liberdade de minha mãe, mas vez por outra ela ia à Itália. Como seu passaporte tinha caducado, ela precisou tirar aquela fotografia para renová-lo. Minha irmã casara naquela época, fora viver na Inglaterra, e minha mãe sofrera o segundo enfarte. Nessa foto, parece que um vento gélido lhe perpassa o rosto, modificando-lhe levemente as feições. O olhar é velado, e ela, que lera durante toda a sua vida, já não consegue fazê-lo. O coração é ávaro na sua função, o cabelo tem uma cor cinzenta, está puxado para trás, deixando visível a testa larga. Sorri a custo, pois não é obrigatório sorrir nas fotografias? A pele macia das maçãs do rosto está frouxa, enrugada, os lábios não mostram frescura alguma.” (pp. 288 a 290).

O esmorecimento progressivo de Anna ficou evidente. Ela, ao que parece, parou de viver; passou a durar (termo que tomo emprestado de Fernando Pessoa, 1995, na poesia *Aniversário*). Repito as palavras de Jacobsen (2001), as quais ele não escreveu para Anna, mas as transcrevo por serem perfeitas para as indagações de Bergman:

“[Anna] estava cansada, e das suas frustradas esperanças de amor seu cansaço espalhara-se rapidamente por todo o seu ser, por todas as suas faculdades e todos os seus pensamentos. Agora estava fria e isenta de paixão... Então, viera o cansaço, suave e balsâmico, e tornara os seus nervos insensíveis à dor, o sangue demasiado frio para o entusiasmo, o pulso demasiado fraco para a ação. E mais do que isso, o cansaço a preservara das recaídas do amor, dando-lhe a mesma prudência, o mesmo egoísmo de uma convalescente”. (p. 199).

Eu diria a Ingmar: ela se esgotou para sobreviver. E não houve reserva para amar os filhos, tanto quanto eles necessitavam. Uma má escolha sempre produz vítimas. Não importa quem são elas... os filhos não ocupam nenhum lugar especial na vida de uma mãe desamparada, que os poupe da indiferença e do abandono. Sinto muito, Ingmar. Faça o que puder de sua vida, sozinho! Talvez Anna pudesse olhar para Ingmar e pedir-lhe como a mãe de Niels [*personagem*

de Jacobsen]: “Niels, leve-me contigo no pensamento, meu filho, quando algum dia você participar de todos esses esplendores que eu não verei jamais...” (pp. 137 - 138).

Regras e autorregras que constroem um abismo

Anna era uma mulher que se comportava basicamente sob controle de suas emoções e sentimentos (buscava o que lhe era reforçador) e de autorregras. Era pouco sensível a consequências amenas providas pelo marido, mas respondia sob controle coercitivo intenso e “explosões de amor” mescladas com culpa manifestadas por Henrik. O comportamento de fuga-esquiva se mostrava na maneira de conduzir a rotina da família, na relação que mantinha com os filhos, na submissão aos serviços religiosos e sermões de Henrik (no diário ela deixa claro que não concordava com muitos dos seus sermões. Provavelmente, porque ele não vivia o que pregava...) Sempre triste, distante. Os únicos momentos em que revelava genuíno prazer era quando tinha contatos com a família, em especial com a mãe. A relação entre Anna e a mãe era extremamente aversiva para Henrik, mas Anna nem por isso evitava os encontros. Aliás, os usava para puni-lo. As autorregras estavam mais ligadas ao casamento e à manutenção – mesmo que conflituosa – das relações familiares: pais e filhos. As “explosões de amor” tinham para Anna a função de mandos verbais: *os reaproximava, mas não os unia*. A cena final do filme, quando Henrik a procura e pede-lhe que volte para casa, sintetiza com imagens o que digo com palavras. Estão de volta, juntos novamente, porém separados no banco por um abismo insuperável de desamor. Anna morre casada. Henrik prossegue sua vida lutando contra o remorso, negando os adjetivos depreciativos que ela lhe atribuiu.

Anna não fazia concessões a Henrik: não era sensível àquilo que lhe era aversivo (não poupava, nem minimizava sua dor); também não lhe era reforçadora. Submetia-se aos controles coercitivos e Henrik sabia que assim funcionava a relação entre eles. Os sentimentos de rejeição que ele sentia eram evidentes e procurava minimizá-los punindo os comportamentos de Anna de se afastar dele. É como se ele dissesse para si mesmo: “Tenho que ser amado; não importa se de fato o sou.”

Henrik, desde pequeno, viveu isolado com a mãe, sujeito a privações financeiras e isolamento social. O avô paterno rejeitou a nora e o neto. A amargura da mãe a distanciou do próprio filho: o queria por perto como antídoto contra a solidão. Nunca aceitou Anna, talvez não aceitasse mulher alguma para seu filho. Henrik carrega o sentimento de rejeição consigo. Não aprendeu a emitir comportamentos que produzem consequências socioafetivas reforçadoras positivas. Pune as pessoas, afasta-se delas e parece que a única evidência de afeto que aceita é aquele dado contingente a comportamentos punitivos em relação ao outro. Não basta ser amado; é necessário ser amado precisamente quando se mostra cruel. Aquilo que é reforçador para Anna lhe é aversivo e pune os comportamentos que ela emite que podem trazer a ela reforços socioafetivos generalizados positivos. Suas autorregras são: “se me ama, então passará privações ao meu lado; se me ama, então, se submeterá aos meus desejos; se me ama, então, se isolará de sua família; se me ama, então, gostará exatamente daquilo que eu gosto”. A maior dificuldade de Henrik é ser sensível às consequências *de seu comportamento*. Não fica sob controle da *função* que seus comportamentos têm sobre os outros. Fica sob controle dos comportamentos do outro que lhe são aversivos, como se tais comportamentos não fossem emitidos como consequência de seus próprios atos. Henrik também espera que do outro venham soluções para suas dificuldades,

assumindo, como um pressuposto, que não lhe cabe se reavaliar, se modificar, se reinventar. Quando Anna vai embora para morar perto da mãe, ele atribui o comportamento da mulher a um capricho dela (como se ela se comportasse em função daquilo que lhe é reforçador – seria, neste caso, uma pessoa egoísta; e não como um comportamento de fuga-esquiva das contingências aversivas por ele criadas) ou sob controle dos caprichos da mãe (neste caso ela seria uma marionete de outrem, quando deveria ser apenas fantoche *dele*). Em ambas as alternativas Henrik não fazia nenhuma relação entre seus comportamentos e os comportamentos de Anna evocados pelos dele. Henrik era inflexível e insensível às contingências (essencialmente coercitivas) que ele produzia e que infestavam a relação do casal. Quando Anna se afastava dele (ou se propunha a fazê-lo), os comportamentos de Henrik se resumiam a dois padrões, que ocorriam em sucessão: em primeiro lugar, punia o comportamento da mulher, com eventual sucesso: o comportamento dela se enfraquecia e ela permanecia a seu lado; em segundo lugar, sem imediato sucesso: ela realmente se afastava, até que ele a procurava após um tempo em que o afastamento se tornava insuportavelmente aversivo para ele, que, então, emitia o comportamento de fuga-esquiva de procurá-la, se desculpar (eventualmente com manifestações intensas de carência afetiva, às quais denominei “explosões de amor”) etc. Após a recuperação da relação, o ciclo se reiniciava (“o eterno retorno” de Nietzsche).

Aliás, tal padrão de comportamento de Henrik não se limitava às interações com Anna. Veja o relato de Bergman sobre um episódio que viveu com o pai, quando iam juntos de bicicleta para uma pequena comunidade, onde Henrik iria conduzir a cerimônia do domingo:

“Naquele dia em que íamos a Amsberg eu ia sentado na proa de um barco [*que os transportava de uma margem para outra do rio*] e refrescava os pés na água, o que me aliviava das picadas dos mosquitos em torno dos tornozelos. De repente, fui agarrado pelos ombros e atirado para trás, ao mesmo tempo que levei uma bofetada. Era meu pai. Estava zangado. ‘Quantas vezes já lhe disse que não deve fazer isso? Não entende que a corrente pode puxá-lo?’ E me deu outra bofetada, mas não chorei porque estava diante de gente que não conhecia. Não chorei mas senti ódio. Senti ódio por aquele maldito homem que gostava de brigas, que me batia constantemente. Vou matá-lo, pensei. Não o perdorei. [...] Ele se aproximou, me deu um leve empurrão nas costas. ‘Não compreende que me pregou um susto? Você podia ter morrido afogado sem que ninguém visse nada.’ Me deu outro empurrão, depois pegou a bicicleta e, levando-a pela mão, passou à prancha de desembarque. [...] Já em terra, estendeu sua mão e agarrou a minha. Como por encanto toda a fúria que sentia dentro de mim desapareceu. Compreendi que ele tinha levado um susto, e quando sentimos medo, tendemos a nos zangar. Sim, era compreensível. Agora meu pai estava bonzinho, se arrependia de ter me batido com tanta força!” (Bergman, 1987, pp. 272-3).

Tanto Anna como Henrik exerciam um forte controle coercitivo, um sobre o outro, o que os transformava em dois indivíduos infinitamente emboscados, os quais viviam sob controle de perenes ameaças. Nada resta aos filhos que são “tratados” (uso o termo no sentido em que são “tratados” os animais, para não perecerem de fome, de frio, de doença...) e não “amados”. Não que, necessariamente, os pais fossem incapazes de amar seus filhos, mas não lhes sobravam comportamentos, nem afetos a serem emitidos em benefício de ninguém mais, exceto comportamentos de fuga-esquiva e sentimentos de medo, raiva, ansiedade, com os quais conviviam em meio da tempestade que um representava para o outro.

O que a relação entre os pais produziu em Bergman

Bergman [*já adulto e diretor de teatro e cinema consagrado*] foi à igreja num domingo de dezembro, para ouvir o oratório de Natal de Bach. Após sair da cerimônia, passou pela rua onde moravam seus pais. A visão da casa e os sentimentos que Bach lhe despertaram, levaram-no à seguinte narrativa (Bergman, 1987):

“Aproveitei, então o estado eufórico em que me encontrava... entrei na casa de meus pais. Precisamente como há cinquenta anos, ela ainda cheira a detergente e a santidade” [*neste ponto o tradutor do texto faz um alerta: Bergman passa da realidade à fantasia ao descrever sua visita, em pensamento, à casa paterna. Não obstante ser uma fantasia ela é reveladora dos sentimentos que a história de contingências entre Bergman e a mãe produziram nele. Retomarei este item abaixo*].

“Minha mãe está sentada à secretária, tem os óculos na ponta do nariz, e o cabelo ainda não enfraquecido, está um pouco em desordem. Curvada como a vejo, ela escreve no seu diário com uma caneta de tinta permanente muito delgada. Sua caligrafia é enérgica, uniforme, mas microscópica. A mão esquerda segura o diário...”

“Súbito volta a cabeça e dá comigo ali. (Oh, como eu ansiava por este momento! Desde que minha mãe morreu que sinto uma necessidade de recordá-lo.) Tem um sorriso um tanto cerimonioso, fecha imediatamente o diário, tira os óculos. Dou-lhe um beijo filial na testa e outro na mancha acastanhada que tem junto ao olho esquerdo.”

“Sei que venho incomodá-la, mãe. É o único momento que tem para estar sozinha. Sei que é quando o pai repousa, antes do jantar, que a mãe lê ou escreve no seu diário. Mas eu fui à igreja ouvir o oratório de Natal, de Bach, e foi muito belo, não imagina. E a luz, então! E durante todo o tempo que ali estive, pensei: hoje vou fazer uma tentativa, desta vez vou ser bem-sucedido.”

“Minha mãe sorri ao ouvir isto. É um sorriso irônico, sei muito bem o que está pensando! Você [*Ingmar*] passava pela Storgatan [*rua da casa dos pais*] muitas vezes, a caminho do teatro, a bem dizer diariamente, e quase nunca se lembrava de nos visitar. Tem razão, mãe, mas sabe como sou bergmaniano: não devemos incomodar os outros, não devemos ser intrometidos...”

“Tenho uma pergunta muito importante a lhe fazer, mãe. Há uns anos, creio que foi no verão de 80, estava sentado no meu escritório em Farö, caía uma chuva miudinha de verão, a chuva de todos os dias que parece não cair mais, bem, que eu fiquei vendo e ouvindo a chuva e, de repente, tive a sensação de que a mãe estava junto a mim, a meu lado, que podia segurar-lhe a mão se quisesse. Não julgue que eu estava adormecido, porque não estava. Tenho absoluta certeza. Também não foi um desses casos que se pensa serem do outro mundo, não. É esta a razão por que lhe quero perguntar se a mãe, naquele dia, de fato esteve comigo, no meu escritório, ou se tudo foi só fantasia minha. É que isto não me sai da cabeça, entende?”

“Minha mãe, que até ali me observara com atenção, desvia o olhar para o lado, agarra uma almofadinha de cor verde, em xadrez, e a põe sobre a barriga.”

“Não era eu, estou certa – responde-me com voz calma. – Ainda me sinto cansada demais. Tem certeza de que não se tratava de outra pessoa?”

“Abano a cabeça num gesto de desalento. Tenho a sensação de ser intruso.”

“Mas nós ficamos amigos, mãe, não ficamos? Quero dizer, quando deixou de existir aquela relação mãe-filho, podíamos falar francamente um com o outro, com o coração nas mãos; ficamos amigos, não se lembra? Eu me pergunto, muitas vezes, se compreendi o que foi a sua vida, ou se me faltou muito para compreender. Terá sido a nossa amizade

apenas uma ilusão minha? Mãe, não julgue que estou aqui, torturado e cheio de remorsos, confundindo a mim mesmo. Não, não é isso. Mas onde está a amizade que devia haver entre nós? Porque afinal os papéis que representávamos eram os mesmos, só as réplicas é que eram diferentes, era eu quem impunha as condições. E o seu amor de mãe, onde está? Eu sei que na nossa família não usamos essa palavra. O pai, na igreja, fala do Amor Divino, mas e aqui em casa? Lembra-se o que foi a nossa família, mãe? Como é que nos foi possível viver com os corações fendidos, reprimindo o ódio que sentíamos?”

“Vá falar com outra pessoa sobre isto. Eu me sinto demasiado cansada.”

“Com outra pessoa, mãe? Mas quem? Se eu nem sequer posso falar de tudo isto comigo mesmo! Compreendo que se sinta cansada, mas olhe que eu não estou menos. E o meu é um cansaço interior, nos nervos, nas entranhas. A mãe certa vez me disse: ‘Agora não tenho tempo para ficar com você. Vá brincar com seus brinquedos novos. Sabe que não gosto de afagos. Você é demasiado piegas, parece até uma menina’”.

“Certa ocasião a mãe me contou que a avó nunca a amou verdadeiramente, que todo o amor dela se concentrou no filho mais novo que depois faleceu. Ora, eu queria saber para quem foi o seu amor, mãe.”

“Ao ouvir falar isso, voltou o rosto para a luz da lâmpada que estava na secretária, me deixando ver o seu olhar sombrio que me é impossível retribuir, e que não consigo sequer aguentar.”

“Eu sei para quem foi – digo muito rapidamente e sentindo um tremor que tenho dificuldade em dominar. As flores em nossa casa cresciam, as trepadeiras se espalhavam, os rebentos vicejavam. As flores floriam, sim, mas nós? Por que fomos tão infelizes, mãe? Foram as inibições bergmanianas a causa, ou foi outra coisa?”

“Olhe, mãe, eu me lembro de quando meu irmão fez uma de suas travessuras. A mãe tinha saído justamente deste quarto, atravessou a sala onde nós estávamos e continuou como se nada tivesse acontecido. Eu pensei: Finge que não vê, mas finge muito mal. Afinal, o que houve na nossa família foi isto: máscara em vez de rostos, histeria em vez de sentimentos, vergonha e culpa em vez de ternura e perdão.”

“Minha mãe leva a mão ao cabelo, seu olhar sombrio permanece imóvel, sem pestanejar.”

“Como se explica que tenham tornado meu irmão um inválido para a vida, por que transformaram minha irmã num grito de dor, por que vivi eu mesmo toda a vida com uma ferida que nunca cicatrizou e se espalhou por todo o corpo? Não pense que quero agora medir a extensão da sua culpa, não sou nenhum cobrador. Quero é saber por que foi nossa infelicidade tão grande sob a cobertura de um prestígio social tão frágil? Por que meus irmãos sofreram tanto, a despeito dos cuidados, do amparo e da confiança de que foram alvo? Como se explica que eu tenha ficado por tanto tempo incapaz de manter relações normais com as outras pessoas?”

“Minha mãe senta-se na cama, desvia o olhar, suspira fundo. Depois engole em seco várias vezes. Naquele instante noto que tem um esparadrapo no indicador esquerdo. Ouço o tique-taque de um pequeno relógio de ouro que está na mesinha-de-cabeceira.”

“Eu tenho mil e uma explicações para cada sentimento, cada gesto, para as minhas indisposições, posso explicar o motivo por que emprego as palavras que uso neste momento. Mas é assim mesmo que deve ser, dizem-me. Apesar disso me atiro de cabeça pelo abismo da vida. Soa grandiloquente, eu sei, mas é assim mesmo, mãe. Me atiro de cabeça pelo abismo da vida. Mas o abismo não tem fundo, daí o não poder me matar contra uma ravina pedregosa ou contra um espelho de água. Mãe! Estou chamando por você como sempre chamei: quando era noite e eu tinha febre, quando voltava da escola, quando corria pelo jardim do hospital, ao anoitecer, perseguido por algum fantasma, quando naquela tarde chuvosa em minha casa de Farö estendi a mão para tocá-la. Não sei mais o que lhe dizer. Não sei. Estamos os dois passando por um transe a que não sabemos dar solução. É verdade, sim, que tenho a pressão arterial alta. É uma consequência de um período da minha vida em que fui humilhado e aviltado. Neste

mesmo instante sinto o rosto arder e ouço alguém uivar – provavelmente sou eu mesmo.”

“O que devo fazer é controlar-me, me acalmar, eu sei. Sabe, mãe, este encontro não foi nada do que eu tinha pensado. Imaginei-nos um tanto melancólicos enquanto falávamos destes mistérios, em voz baixa. A mãe ouvindo e depois me dando explicações de uma maneira pura e perfeita como um coral de Bach. A propósito, por que é que nunca pudemos dizer ‘puxa pai, você...’ ou ‘puxa mãe, você...’? Porque fomos obrigados a nos dirigir a vocês em termos que só criavam distância?”

“Encontramos, num cofre, os diários que minha mãe escreveu. Depois da sua morte, meu pai passou os dois dias com uma lente, tentando decifrar aquela caligrafia microscópica, estando o texto, em parte, em código. Pouco a pouco, meu pai foi compreendendo que nunca tinha conhecido a mulher com quem vivera durante cinquenta anos. Por que razão minha mãe não queimou seus diários? Teria sido uma represália bem planejada de sua parte? ‘Agora sou eu quem fala e você não me pode tocar’, escreveu ela. ‘Do fundo do coração lhe digo que agora não pode continuar a me responder, como sempre fez, com seu silêncio, cada vez que eu suplicava, chorava, desesperava...’” [a mãe assim se dirigia no diário ao marido]

“Foi nesta altura que notei que a imagem de minha mãe começou a se desintegrar...”

Embora sem grande entusiasmo, fiz mais uma tentativa: ‘Mãe, um dia discutimos e a mãe me deu um tapa, e eu retribuí da mesma maneira. Pergunto: Por que tínhamos que discutir, por que todas aquelas cenas, o bater de portas, lágrimas de fúria? Sim, por que tínhamos de discutir? Não me lembro dos motivos, salvo daquela vez quando o pai estava hospitalizado. Me diga: eram ciúmes, tentativas de contato, ou simplesmente a sua maneira de educar? Também me lembro de nossas reconciliações, do alívio suave que infundiam em mim. Mas as mentiras que foram ditas, que fazer delas?’” (pp. 283 – 288)

Quantas privações de afeto! Bergman publicou em 1987, com 69 anos, um apelo de amor, revelando uma necessidade de compreender aquilo que virou passado e que só Anna poderia lhe responder, mas... nos versos de Fernando Pessoa (1995):

O que sou hoje...
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivendo a mim mesmo como um fósforo frio...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes! (p. 379)

E numa metáfora pungente se atira no precipício para a morte, sem conseguir encontrá-la, salvo pelo poço sem fim de Anna, que não lhe ceifa a vida, mas o *condena a continuar vivendo*, e como é longa a vida que não se quer viver. Não é por acaso que ele (1987) cita a frase de Strindberg: “A vida é curta, mas pode ser demorada enquanto a vivemos.” (p. 276). As *melhores intenções*! Danem-se as intenções, que não se transformam em contingências amenas de reforçamento positivo, pois se isto não ocorre, só resta às “boas intenções” a alternativa de produzir sofrimento e dor, não importa que comportamentos lhe servem de companhia... Comportamentos de fuga-esquiva, tais como isolamento, silêncio, contenção na expressão de sentimentos, trabalho ininterrupto, gestos simuladamente mansos etc., podem ser amenos e significativos socialmente, mas sempre serão parceiros da dor de quem se comporta!

Anna e Henrik procuravam o amor idílico (quem não o busca?): amor terno e delicado. Mas idílico também significa utópico, isto é, em lugar nenhum. Frustrados por não alcançarem a

concretização do amor idílico, eles se acusam reciprocamente e cada qual culpa, o outro pelo fracasso. Sempre será assim: por causa dos desencontros, frutos pré-marcados pela história de contingências, inconscientes e não resolvidos é que o amor idílico não ocorre. Nunca ocorrerá. Eles se castigam mutuamente e cada qual gera no outro dor; raramente ternura ou acolhimento. Daí segue-se, que cada um deles, sob controle do sofrimento que causa no outro, manifesta sentimentos de *compaixão* (prefixo *com* e a raiz *passio*, que originariamente significa *sofrimento*):

“A palavra *compaixão* significa que não se pode olhar o sofrimento do próximo com o coração frio, em outras palavras: sentimos simpatia por quem sofre... É por isso que a palavra *compaixão* inspira, em geral, desconfiança: designa um sentimento considerado de segunda ordem que não tem muito a ver com o amor. *Amar alguém por compaixão não é amar de verdade.*” (Kundera, 1983, pp. 25 e 26) (grifos adicionados).

Ninguém pode oferecer ao outro o amor idílico: um amor sem conflitos, sem cenas dramáticas, sem evolução. Tanto o homem quer mudar sua mulher, como a mulher o seu homem. Quando bastaria (mas é tão difícil) que aprendessem reciprocamente uma linguagem comum, que lhes facilitasse a convivência e a compreensão. Henrik e Ana sentiam *compaixão* um pelo outro; enquanto anestesiados dentro de suas próprias redomas não se davam conta de que o sofrimento de cada um era produzido pelo outro. Faço você sofrer para vê-lo fraco; vendo-o fraco, posso amá-lo sem temor de sua força. Essa me parece ter sido a constante da relação entre eles. Não se amavam: produziam dor para ter *compaixão* e se enganarem, ambos, de que amavam o companheiro. Triste equívoco perpétuo de dois seres incapazes de construir uma relação de amor. Morreram enganados pela crença de que viveram pelo amor até que a morte os separou. A morte não os separou, os aliviou da dor da presença do outro, da obrigação de velar o amor.

Será possível entre seres humanos um amor desinteressado? Kundera (1983) propõe algumas questões:

“Há perguntas que atormentam os seres humanos: será que ele me ama? Será que gosta mais de mim do que eu dele? Terá gostado de alguém mais do que de mim? Todas estas perguntas que interrogam o amor, o avaliam, o investigam, o examinam, será que não ameaçam destruí-lo no próprio embrião? Se somos incapazes de amar, talvez seja porque desejamos ser amados, quer dizer, queremos alguma coisa do outro (o amor), em vez de chegar a ele sem reivindicações, desejando apenas sua simples presença.” (Kundera, 1983, pp. 298 – 299).

Quando a morte veio para Anna, a separação se fez. Só a morte foi mais forte que a vida. Com ela se concretizou o que desejavam sem querer. As palavras de Jacobsen (2001) são oportunas:

“Feliz é aquele que, em seu luto pela morte de um ente querido, pode consagrar todas as lágrimas ao vazio, ao abandono, à privação daquele que se foi, pois mais penosos, mais amargos são os prantos que expiam a falta de ternura que os dias passados presenciavam contra aquele que agora está morto – e contra quem cometeram-se crimes irreparáveis. Retornam então as palavras duras, as respostas cuidadosamente envenenadas, a censura impiedosa e a cólera injustificada, e também os pensamentos hostis que não se externavam em palavras, os julgamentos precipitados que atravessaram o espírito, o dar de ombros discreto e o riso oculto cheio de ironia e impaciência – voltam todos como flechas nocivas e cravam profundamente seus agulhões no peito, seus agulhões embotados, pois a ponta partida ficou no coração que não bate mais. Este não vive mais,

nada mais pode reparar, nada. Agora há bastante amor em teu coração, mas agora é tarde; vai até o frio túmulo com o teu coração agora generoso! Chega bem perto... Planta flores e tece coroas: nem por isso estarás mais perto do morto!” (p. 131).

Henrik sobreviveu a Anna sozinho⁶. Desde então, só lhe restaram vagarosos passos até seu próprio túmulo. A vida é irreversível. Pode-se pensar em condenação mais cruel? Pobre dele! Nas palavras de Bergman:

“Meu pai faleceu no domingo às quatro e vinte da tarde. Não foi uma morte dolorosa. É difícil expressar a sensação que senti ao ver seu rosto, ele estava absolutamente irreconhecível. A melhor comparação que encontro é que ele fazia lembrar um morto de campo de concentração nazista. Era bem o rosto da Morte. Penso nele com todo o desespero do irremediável, mas com ternura.” (Bergman, 1987, p. 280)

Triste vida! Anna partiu antes. Sozinha! Afinal, a morte a libertou mais cedo da cilada da vida a dois. Enfim, o alívio se fez!

Referências

AS MELHORES INTENÇÕES (The Best Intentions). EUA, 1991. 180 minutos.

Direção: Bille August. Distribuição: Europa Filmes.

BERGMAN, I. (1987) *Lanterna Mágica*. Rio de Janeiro: Guanabara.

BERGMAN, I. (1991) *The Best Intentions*. New York: Arcade Publishing.

JACOBSEN, J. P. (2001) *Niels Lyhne*. São Paulo: Cosac & Naify.

KUNDERA, M. (1983) *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Ed. Record.

PESSOA, F. (1995) *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

⁶ O final da vida de Henrik pode ser visto no filme *Crianças de Domingo*. Tal filme foi dirigido por Daniel Bergman, filho de Ingmar, e o roteiro é de I. Bergman. Este filme complementa, de forma enriquecedora, o *As Melhores Intenções*.